

# CONCURSO LITERÁRIO



**«NÃO  
POSSO  
SAIR»**  
PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR 1.º ESCALÃO

Alice Barreto

Numa noite estrelada, com os grilos a cantar, a lua a conversar com as estrelas, um menino descobre uma coisa que nunca mais se vai esquecer.

- Mãe - já a cair para a cama à espera do beijinho de boa noite - hoje estava a passar pela mercearia e ouvi o Senhor António a falar sobre uma pandemia chamada Coronavírus, podes-me contar a história?

- Eu lembro-me disso...maus tempos...já são nove horas, mas para educar um filho nunca é tarde, então, tudo começou com uma pessoa, tinha uma doença que ninguém, nem os cientistas, os médicos, os enfermeiros, sabiam o que era - começava a mãe. O Vírus começou na China, montes de pessoas morreram. Como qualquer pandemia espalhou-se pelo mundo e chegou a Portugal.

- Mas mesmo ninguém, não sabiam o que era?! - pergunta o menino preocupado.

- Ninguém, mas continuando, como hoje ainda existe passaram nas notícias esse acontecimento, toda a gente ficou muito preocupada, então o que é que as pessoas fizeram? Atacaram o supermercado, e nunca percebi porquê, o que mais atacavam era o papel higiénico.

- Papel higiénico? - ria-se o filho.

- Sim, papel higiénico...um bocadinho estranho, mas pronto - a mãe acabou por se rir também - depois entrámos em estado de emergência, por isso ficámos em casa, sem poder sair, ou seja, de Quarentena.

- Mas porque é que se chamava Coronavírus? - continuava o menino a fazer muitas perguntas.

- Parecia uma coroa, logo chamaram-lhe de corona e depois juntaram vírus. Todos os dias morriam pessoas, outras descobriam que estavam infetadas e outros curavam-se. Ao estarmos de quarentena não podíamos sair, só para ir ao supermercado e ao médico se fosse mesmo urgente, porque devia ligar-se primeiro para a saúde 24, um sítio onde estavam pessoas que nos davam dicas para melhorarmos se estivéssemos doentes.

-Não podiam ir ao cabeleireiro? - dizia o menino espantado com aquela história estranha na cabeça dele.

- Não.

- E ao veterinário? - continuava a questionar.

- Também não, já te disse, só podíamos ir ao médico se fosse urgente e ao supermercado, só podiam ir os adultos, as crianças tinham de ficar em casa.

- Isso é muito mau!

- Pois era e eu que adorava ir ao supermercado...todos os dias perguntava à tua avó quando é que já se podia ir. Bem, mas continuando, as crianças já não iam à escola, por isso não estudavam. Claro que os políticos e os próprios professores e pais ficaram preocupados, então arranjaram uma solução, a telescola. Era basicamente dar matéria sem ser com os teus professores, pela televisão, passávamos apontamentos e estudávamos.

---

- As crianças não viam os amigos?

- Infelizmente não. Mas como é claro havia sempre um professor que estava atrasado na matéria, então não podíamos ver a telescola dessa matéria para não nos baralharmos. Depois a minha escola começou a fazer videoconferências conosco, ou seja, os professores davam a matéria por videochamada e ao mesmo tempo mandavam tarefas por email.

- Isso é horrível!

- Pois, era mesmo muito mau, porque não podíamos estar em sala de aula a sério, mas era a melhor forma de aprender. Muitos cantores fizeram músicas a falar sobre o vírus e a dizer que ia ficar tudo bem. Depois entrámos no estado de calamidade, ou seja, já podiam abrir cafés, bares e lojas, mas com muitas regras de segurança: por exemplo, usar máscara.

- Não tinhas calor a respirar por lá?

- Tinha um bocadinho, era um pouco sufocante para mim.

- Depois as pessoas começaram a encher os bares e os números de casos subiram, mas com os avisos do estado pararam logo! Enquanto isso os cientistas tentavam descobrir a cura, claro que depois descobriram, deram às pessoas infetadas e o coronavírus passou a ser assim como a gripe, agora, porque antes era ainda muito perigoso mesmo com a cura.

- Isso é muito bom, e a poluição?

- As crianças conseguiram fazer com que parasse de haver poluição, faziam manifestações e acabaram por vencer, ficar em casa também foi bom porque não havia tantos carros.

- Isso devem ser sido tempos muito maus!

- Claro que foram! Desde esse dia o ser humano nunca mais “estragou” o mundo com a poluição e toda a gente ligou a todas as coisas mais pequenas. Também começaram a dizer muito a frase do livro “O Príncipezinho”.

- Qual era? – perguntou curioso.

- “O importante é invisível aos olhos”. Agora que já sabes a história do coronavírus de há mais ou menos 40 anos atrás prometes-me que vais dormir, porque já é tarde?!

- Sim mamã, prometo, eu também já estou cheio de sono. Obrigada por me contares esta história. Espero que isso nunca mais aconteça para que não tenhamos de ficar em casa sempre a pensar “não posso sair”.

- Eu também espero que isso nunca mais aconteça, dorme bem. Despediu-se a mãe.

- Dorme bem.

E esta é a história do coronavírus, uma fase da nossa vida que estamos todos a passar, mas que sabemos que vai ficar tudo bem.

Município  
***Palmela***